

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,520 rs. — Trimestre 1,500 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 50. — SABBADO, 13 DE DEZEMBRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,5100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5,5000.

SUMMARIO.

Manuscriptos ineditos (continuação) — Convento de Nossa Senhora da Penha de França — Baixos-relevos — Só Deus! poesia — Mosaicos — Estatística da embriaguez — Aphorismos — Havre de Grace — Castello de Ganne — Mythologia — O Castigo do Senhor (continuação) — James Buchanan — Abd-el-Kader — Lenda dinamarqueza — Entrada dos duques de Brabante em Spá — Chronica Semanal.

GRAVURAS — Convento de Nossa Senhora da Penha de França — Castello de Ganne — Havre de Grace — James Buchanan — Entrada dos duques de Brabante em Spá.

MANUSCRIPTOS INEDITOS.

Sumario das armadas q. se fizeram e guerras q. se deram na conquista do Rio parahiba escrito e feito por mandado do m.^{to} R. padre em Xpō o p.^o Xpt.^o de Gouvea visitador da Companhia de Jesu de toda a provincia do Brasil.

Continuação.

Todo o pao do brazil cortãdose arreventa e crece devagar q. pello menos ha mister maes de vinte ãnos e ainda não he grosso. Dizem q. o pao desta capitania do parahiba he a mercaderia maes de ley q. todas as outras por nã padecer corrupçã de tempo nem de agoa antes á do mar ó afina, na boca he doce quasi como alcaçuus por respeito deste pao tartaram e procuraram tanto os francezes permanecer nella. o dito parece q. basta por ora quãto a esta capt.^a do parahiba e do estado em q. ella e a de pernambuco e Tamaraca estavã, cõ o que me pasarey a tratar das armadas que pera á conquistar se fizerã e guerras que nella ouve. (*)

Da ida do D.^{or} fernam da Sylva a Parahiba e do governador Luis debrito dalmeyda. CAP.^o 2.^o

ElRey Dom Sebastiam q. D.^o tem informado de todas estas cousas e receoso de os francezes se situarem e se fortificarem no rio parahiba mandou ao governador Luis debrito dalmeyda o fosse ver e elegese sitio p.^a povoacã E por elle nom poder hir indo ó

(*) Este manuscripto data do reinado de Filippo de Castella, por fins do seculo xvi. E de um jesuita, que presencou muitos dos seus acontecimentos. E geralmente reconhecido pelo nome de Christovão de Gouveia; porém a melhor opinião é ser de autor incerto. Foi escripto indubitavelmente em virtude do preceito de obediencia, e por mandado do sobredito padre Christovão de Gouveia quando era visitador da companhia de Jesus, na provincia do Brazil. Respeitamos e conservamos a orthographia do original. por conhecermos que com pouco esforço do leitor será facilmente comprehendida.

D.^{or} fernam da Sylva ouvidor geral e provedor moor da fazenda deste estado á Pernambuco lho cometeo. O qual com todo ó poder de gente de pee e de cavallo da dita capitania e m.^{tos} Indios q. ainda entam avia foy no ãno de setenta e quatro avello e castigar os Indios petiguares, que naq.^{tos} dias áviam assolado hum engenho, que hum Dioguo dias Lavrador muito rico começava com grande fabrica no Rio Rucunhaem tres legoas do paraiba. E como hia tam poderoso correos e nam lhe ousarã a esperar, mas refazendo-se o fizeram voltar polla praia tam depressa q. nã ouve vagar pera nada.

O q.^o acabados os negocios á q. foy a pernãbucho se tornou p.^a á baía donde informado o governador Luis debrito dalmeyda do q. passava e da importancia do negocio, conformando-se com a ordem q. timha delrei se resolveo e determinou dehir em pessoa conquistar e povoar ó parahiba p.^a o q.^o effeito na cidade de Bahia mandou apreber hua armada de doze vellas con toda agente q. pode ajuntar, levando toda á nobreza da Cidade, officiaes de Just.^a e faz.^{da} com todos os petrechos e mãtim.^{tos} necessarios, enfim com ó moor aparato de capitães e soldados e recado das maes cousas que lhe a elle foy posivel ajuntar.

Partio no mes de setembro de mil quinhentos setenta e cinco e com tempos contrarios á cabo de alguns dias andar espancando ó mar, tornou árribar á baía com alguns navios e Bernardo pimintel dalmeida seu sobrinho q. ia por capitam moor do mar com outro navio seguio

ávant e fez viagem. E foy a pernãbucho, donde pello tio nam hir se tornou á baía onde ó achou enfadado e cansado da arribada e todos os homens con suas matalotagens gastadas. E gastado muito cabedal q. da fazenda delrei nosso Sñor se meteo na armada q. se affirma q. foy de m.^{tos} mil cruzados, desfeita em ar, sem maes lembrança do parahiba q. nam causou pouca admiracã por o geral conhecimento q. entoda a parte se tinha da importancia desta empreza e maes pello fruto q. della se esperava como dos outros, e m.^{tos} bens q. povoada se logo seguia ha de pernãbucho e Tamaraca.

Depois vindo ó governador L.^o daveiga no ãno de setenta e oito e querendo proseguir esta Empresa mandando ao ouvidor Geral Cosmo rangel de maçedo e xpovã de barros provedor moor lha encomendou. E porq. no tempo q. nelle esteve ouve muytos rebates de petiguares de todo fizerã recolher os m.^{res} a Ilha de Tamaraca, ávisando sempre e procurãdo fazer jornada, mas nã ouve effeito e parece q. nosso Sñ.^{or} a tinha guardada p.^a o tempo em o q.^o avia de aver quem a procurasse de toda a força e coraçã e se conluise e se escusase o m.^{to} cabedal, e excessivos gastos q. os officiaes da faz.^{da} de sua M. nesta empreza sempre fizeram e davam en despeza e seguirã p.^a ostentaçã e seus intentos maes pera ella alcançar e conseguir eff.^{to} E com isto passemos ao tempo delrei D. Henriq.

Continua.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA.

N'um dos mais pittorescos sitios de Lisboa, o antigo monte *Cabeça d'Alperche* em que a cidade está assentada, se eleva este templo, que pertenceu á extincta ordem dos eremitas de Santo Agostinho.

O culto da imagem de que o convento tomou a invocação veiu de Hespanha, onde na serra que corre nos confins dos bispados de Salamanca, Cidade Rodrigo, e Coria, denominada *Penha de França*, se descobriu uma imagem em vulto, que pelos milagres que operou, se estendeu por Hespanha e Portugal.

Nos annos proximos ao fim do seculo de 1500 vivia em Lisboa um tal Antonio Simões, doirador, que mandou fazer uma imagem da Virgem, de altura de quatro palmos, com o menino Jesus sentado sobre o braço esquerdo. Feita esta, lembrou-se o devoto de a collocar na igreja de Nossa Senhora da Victoria, d'onde era visinho, e deu-lhe a invocação de Senhora da Penha de



Convento de Nossa Senhora da Penha de França.

França, pelo que ouvia apregoar dos milagres da de Hespanha. Todos os annos correu com uma festa, até que passados tempos, desejando-lhe casa propria, lançou vistas para o monte que correndo do de Nossa Senhora da Graça vinha a ficar eminente ao chafariz que se chamava de Arroyos. Escolhido o sitio foi-se ter com Affonso de Torres e Magalhães, casado com D. Constança d'Aguiar, de quem era o terreno que desejava para a edificação da ermida, e que elles facilmente lhe concederam, assentando unicamente por condição que se a ermida para o diante viesse a ser d'alguma religião, poderiam tomar para si a capella mór, satisfazendo a despeza que com ella se tivesse feito.

Ajustado assim, no anno de 1597, a 25 de março, se lançaram os fundamentos á ermida, e em 10 de maio do anno seguinte se trasladou para ali a Senhora, n'uma devota procissão. Houve a peste do anno de 1599, e reconhecendo-se os milagres que a Senhora operava, em janeiro do mesmo anno recorreu a camara á sua intercessão, obrigando-se por voto a fazer-lhe a sua capella na igreja nova, e a uma procissão annual que sairia pela manhã mui cedo da igreja de Santo Antonio, cuja imagem levariam, acompanhando-a o presidente do senado com os vereadores, e mais officiaes, e os cidadãos que quizessem, indo todos descalços, e com seus cirios na mão.

A primeira procissão fez-se em 5 de agosto. N'essa occasião o presidente da camara D. Julianes da Costa offereceu á Senhora uma corôa de prata doirada, e duzentos cruzados em oiro, para as obras da igreja. Todos os mais que concorreram fizeram tambem suas offertas, e el-rei Filippe approvou o voto, e deu licença para que os seis mil cruzados que na capella se haviam despender se tirassem por imposição do vinho e da carne. A procissão continuou desde então n'aquelle dia, concorrendo a ella as comunidades de S. Francisco, de Jesus, de Nossa Senhora da Graça, quando existiam.

Antonio Simões por conselhos que lhe deram da conveniencia de se entregar a ermida a alguma religião para haver quem administrasse os sacramentos aos devotos que ali concorriam, se foi a ajustar com os frades dominicanos; porém não se concordando, a offereceu no anno de 1601 aos religiosos de Santo Agostinho, que a acceitaram, deixando a Antonio Simões, durante sua vida, a administração d'ella; mas no anno de 1603, por novo contrato os religiosos assumiram tambem a administração, e impetraram do papa Clemente VIII que nos reinos e senhores de Portugal se não podesse edificar outra alguma igreja com o titulo de Senhora da Penha de França.

Nova igreja levantaram os frades, e no anno de 1625 foi transferida a Senhora da ermida velha.

Continuou desde então a devoção d'esta imagem, por cuja intercessão Deus operava muitos milagres, como o attestam os retabulos e quadros que adornam a sacristia.

O edificio, que hoje é propriedade particular, era simples, mas elegante, com boa pedraria. Uma das coisas notaveis que ali havia, é a sua magnifica cisterna. A igreja está a cargo da irmandade de S. João Baptista, que tendo-a ultimamente restaurado, ali continua o culto, que por muitos annos esteve interrompido. A festa de S. João Baptista era uma das mais solennes que se faziam n'esta igreja, no tempo dos eremitas de Santo Agostinho, e a romaria das *Palmellas* uma das mais celebres de Lisboa.

Junto ao edificio, do lado do occidente, ha um posto telegraphico que se correspondia com o Castello e Pinheiro.

BAIXOS-RELEVOS.

Este termo veiu do italiano « Basso rilievo. » Significa uma escultura meia levantada sobre um fundo do qual unicamente destaca metade.

Em todos os povos da antiguidade que se applicaram á escultura acham-se baixos relevos.

Os egypcios eram prodigos d'elles nos seus monumentos, porque os empregavam como uma linguagem propria a eternisar os grandes factos historicos, as maximas religiosas e politicas, e até mesmo certos axiomas physicos e astronomicos. Era a sua escriptura. Tinham por isso muita attenção na sua conservação, e empregavam nos seus baixos relevos as materias mais duras, como o granito e o basalto. O relevo era formado dentro da encrustação, de modo que a escultura não era saliente, enchia unicamente a profundidade que se escavara na pedra onde os entalhavam.

Os indios, os persas, os etruscos, e muitos outros povos empregaram tambem esta especie de baixos relevos, ou encrustações, como signaes sagrados, ou linguagem mysteriosa. Encontravam-se os seus templos decorados com toda a casta de symbolos expressos n'estas esculturas.

Pelo que respeita aos gregos, parece que se serviram d'esta arte mais especialmente na representação dos factos mythologicos e heroicos, porque o maior numero das suas figuras em baixo relevo, assim como as suas pinturas nos vasos, representam personagens da sua historia e religião.

Os romanos, que se apossaram das riquezas d'esta brilhante nação, e até do seu gosto pelas artes, imitaram-lhe o exemplo, representando pela mesma forma os factos

mythologicos, heroicos, e historicos; e como foram ao mesmo tempo uma nação orgulhosa ajuntaram a sua propria historia á da antiguidade, e multiplicaram, portanto, os baixos relevos até ao infinito. Foi nos tumulos principalmente que elles mais empregaram a arte, e não se encontra hoje sarcophago d'aquelle povo, que não esteja ornado de esculturas em relevo.

Se porém compararmos o merecimento attico com o dos romanos e outros povos, não podemos deixar de preferir os gregos, que n'esta, como em todas as outras artes levaram a palma. Sua belleza, simplicidade de estylo com um certo cunho de energia hão de honrar sempre o genio da Grecia.

A.

Repetimos a seguinte poesia, em consequencia de ter saído com algumas inexactidões da primeira vez que a publicámos.

AO QUADRO ORIGINAL

SÓ DEUS!

APRESENTADO NA ACTUAL EXPOSIÇÃO

DA

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES

PELO SENHOR

FRANCISCO AUGUSTO METRASS

Professor de Pintura-Historica na mesma Academia.

COMO TRIBUTO DE VENERAÇÃO PELO MERITO ARTISTICO

AO SENHOR METRASS

Offerece

O AUTHOR.

SÓ DEUS!

... — y llaman la pintura
Muda poesia que exceder porfia
Lo que la viva voz mostrar procura.
LOPE DE VEGA.

... — E a quem algáras
O gemente clamor? — Ao mar, que as ondas
Não altera por tí? — Ao ar, que some
Pela sua amplidão as queixas tuas?
Aos rochedos alpestres, que não sentem
Nem sentir podem teu gemido inutil?
A. HERCULANO.

Sombrio, cerrado,
Distende no ceo,
Tormenta medonha,
Fatidico veo!

Romperam-se as nuvens,
Alaga-se o chão;
Sinistro lampejo
Precede o trovão!

E o sol que nascia
Occulto ficou,
Cingido de trevas
Seu gyfo marcou.

— Fagueiras esp'ranças
Assim mortas são,
No mundo de enganos,
De triste illusão!...

Elevam-se as aguas,
Os campos são mar;
E os eccos da serra
Vão longe quebrar.

—
Cortantes balidos
Se fazem ouvir,
Do armento que á morte
Auceia fugir!

—
E o vento sibila
Em rijo tufão,
Vae tudo prostrando
Revolto no chão!

—
De susto latindo
O pobre lebreu,
Ao cimo dos montes
Veloz ascendeu.

—
Estalam pinheiros,
O roble quebrou;
O cedro, com elles,
Nas aguas rojou!

—
— Que não ha na terra
Bastante valor,
Que altivo resista
Á voz do Senhor!

—
Da serra, na beira,
Alegre casal,
Deixou em ruinas
Torrente fatal!

—
Confusos se escutam
Mugidos e ais;
E as chuvas, em jorros,
Caindo, vem mais!

—
Ao largo, soberbas,
As ondas do mar,
As rochas, bramindo,
Parecem tragar!

—
E as nuvens escuras,
Correndo veloz!
E o rio alastrado,
Sem margens, sem foz!

—
Nas aguas que fremem
Horriavel fragor,
A encosta desaba!...
É tudo pavor!

—
Ai! pobres d'aquelles
Que o ceo fulminou,
Co'a rija tormenta
Que ao longe eccou!

—
E o sino da aldêa
Lá se ouve a tanger:
São rezas, são preces
P'ra Deus lhes valer!

—
Confusos se escutam
Mugidos e ais;
E as chuvas, em jorros,
Caindo, vem mais!...

—
Quem pode na terra em doce remanso,
Constante ventura seguro contar?
Fagueiro porvir, esperança mimosa,
Nos dias futuros, quem pode visar?

—
Se o mundo, tecido de enganos e dôres,
Seus falsos prazeres nos deixa fruir,
Instantes felizes, ligeiros passando,
Trocados em penas nos vem opprimir!

—
E triste d'aquelle, que em lance terrivel,
Nas lides da terra, esperança mal tem,
Se mortas as crenças no peito anciado,
Do ceo não aguarda socorro tambem!

—
No quadro que vemos, as artes honrando,
Em toda a verdade de um trance de horror,
Em scena tocante, pintada, mas viva,
Assim nol-o diz inspirado pintor!

—
A pobre que ha pouco logrando venturas,
Alegre sonhava prazeres sem par,
Consorte extremoso, filhinho que amava,
Prendiam-lhe a mente nos gosos do lar.

—
As auras suaves do prado viçoso,
Que finos aromas vão longe espargir,
Mimosas lhe davam fragrantes perfumes,
Nos dias serenos de meigo sorrir.

—
E como a bonina formosa se ostenta,
Brilhante de aljofres, no campo gentil,
Donosa brincando co'a hera virente,
Que o caule reveste do roble senil;

—
Ou como a barquinha, que as aguas cortando,
Ligeira desliza veloz a singlar,
Em noite de estrelas, o rumo seguindo.
Que certo lhe mostra saudoso luar;

—
Contava delicias, sorrindo-lhe a vida,
Que sempre julgava ditosa fruir;
Em ledõ remanso, liberta de penas
Olhava tranquilla o incerto porvir! . . .

—
Mas cil-a de chofre surpresa, mesquinha,
Treme, aterrada por feio escarceo!
Involta nas aguas dos cerros baixadas,
Caidas nos cerros, das nuvens do ceo!

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo vem mais! . . .

—
De caules, raizes, ruinas cercada,
Em passos incertos vae triste a lutar;
O filho nos braços, que aperta anciosa,
Apoio buscando, procura amparar!

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais! . . .

—
Destroços, penedos nas aguas rojando
À levam, mau grado, á morte a correr! . . .
Por si, pelo filho, bradando soccorro,
Ancia salvar-se, quer inda viver!

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais! . . .

—
O tenro innocente, transido de susto,
As humidas tranças da mãe se apegou;
Seguro por ella com braço de ferro,
No collo da triste refugio buscou.

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais! . . .

—
Assim desditosa, na terra mal conta,
Luzir-lhe, visar esperança sequer! . . .
Fallecem-lhe as forças, ai d'ella! . . . não pode. . .
É quasi cadaver a pobre mulher!

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais! . . .

—
Extremo recurso, n'um tronco já secco,
Que ás aguas resiste, só pode encontrar,
Seguro por ella com mão esforçada. . .
O fragil apoio vae prestes quebrar! . . .

—
E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais! . . .

—
Quem pode valer-lhe, quem pode salva-a?
No trance afflictivo. . . tão longe dos seus? . . .
Perdida, desmaia. . . succumbe. . . já morre. . .
Em tanto abandono quem pode? . . . SÓ DEUS!

23 de Outubro, de 1856.

CLAUDIO DE CHÁBY.

MOSAICOS.

—
A reunião de pedrinhas mui pequeninas, seixos, pedaços de marmores de varias côres, artisticamente entalhadas, de modo que representam objectos com suas côres proprias como na pintura, é que se dá o nome de mosaico. Quando ha falta de pedras naturaes da côr que se precisa, ou levam muito tempo a afeição-se para a obra que se deseja, recorre-se então a varios betumes, até mesmo a uma composição de vidro e esmalte. Um dos insignes canteiros que temos em Lisboa, o sr. Loureiro, cuja officina se acha estabelecida na antiga rua do *Trombela*, da parte norte do palacio do duque de Palmella ao Calhariz, tem feito estudo sobre estes trabalhos, e nos mostrou objectos que provam da sua parte habilidade e gosto.

—
Ainda que este genero de trabalho pede a sciencia do pintor, é facil de presumir que a sua execução depende mais da paciência que da arte. Antes de metter mãos á obra precisa o artista ter bons desenhos do tamanho exacto do trabalho que emprehende, como o pintor prepara

primeiro os seus cartões para as pinturas a fresco, e além d'aquelles desenhos, que lhe servem de moldes, deve ter tambem um exemplar da obra que vae executar, em ponto grande, ou pequeno, para se regular por elle na distribuição do colorido. Dividem-se depois em caixinhas as pedrinhas que tem de servir, segundo as suas côres, e cambiantes d'ellas. Não é necessario que estas pedrinhas tenham todas a mesma configuração, basta que se ajustem exactamente umas ás outras sem deixarem entre si a mais pequena fenda ou intervallo, e que uma das suas faces seja lisa, para que a superficie não apresente saliencias.

—
Que povo inventou o mosaico? Aqui está uma pergunta a que não pode satisfazer quem sinceramente trata a questão, e quer deixar de lado esse milhar de fabulas contradictorias que envolvem o nascimento até do mais insignificante ramo da arte. Se dermos credito a Plinio, os gregos foram os primeiros que o usaram. Não nos importe, pois, saber se o inventaram, basta conhecer que o usaram. Este autor menciona uma obra famosa n'este genero — era uma miscellanea de migalhas que sobejam de uma mesa onde se comeu. Estava tão natural a obra, continua o escriptor, que ao entrar na sala cujo pavimento era a referida miscellanea, a vista se illudia julgando-se que a sala não fôra varrida depois do jantar.

—
Esta especie de pintura, a que os latinos chamavam *opus musivum*, não passou no seu começo de reunião de pedrinhas quadradas de diferentes côres para formar uma certa variedade, e alguns ornatos; mas pelo andar dos tempos lembraram-se os pintores de representar pelo mosaico figuras humanas, animaes, e flores, até mesmo factos historicos, e assim este genero de trabalho subiu a formar uma arte.

—
A idade media, e a epoca que se chama da renascença deixaram-nos excellentes trabalhos n'este genero. Em Sienna admira-se no pavimento da sua cathedral, um pedaço de mosaico representando o sacrificio de Abrahão. Compõe-se de tres especies de marmores; um muito alvo, outro pardo, e outro preto. O primeiro serve para as figuras principaes onde a luz deve ser mais forte; o segundo para as meias tintas, e o terceiro para as sombras.

—
Na Europa, na Asia, e mesmo na America ha egrejas com mosaicos no seu pavimento; porém o mais celebre de que temos noticia é o da igreja de S. Remi, em Reims. Está no côro d'esta igreja. Contém uma infinidade de figuras, que parecem traçadas a pincel. O maior pedaço de que este mosaico se compõe não excede a largura de uma unha, excepto umas pedras pretas, brancas, encarnadas, e de côres ondeadas que encaixilham os quadros, separando os objectos historicos onde as figuras estão representadas. Vê-se n'estes quadros David tocando harpa; um S. Jeronymo, tendo em redor as figuras e os nomes dos prophetas; os quatro rios do parraizo terrestre, designados pelas palavras — *Tigris, Euphrates, Geon, Fison*; as artes liberaes; os doze mezes do anno; as quatro estações; os signos do zodiaco; Moysés sentado n'uma cadeira, e sustentando um anjo sobre os joelhos; as quatro virtudes cardeaes; os quatro pontos cardeaes do mundo; e finalmente uma immensidade de figuras que todas parecem saltar de um fundo de côr amarella.

—
Aqui em Lisboa, tinhamos nas capellas do extincto collegio de Santo Antão excellentes trabalhos n'este genero, cujas reliquias ainda se podem ver no que existe da arruinada igreja no hospital de S. José; porém o que a tudo leva a palma é a capella de S. João Baptista na igreja de S. Roque que pertence á Misericórdia. Tambem o sr. duque de Palmella possui aprimorados objectos de arte n'este genero, e não ha ainda muitos annos que n'uma exposição que teve logar no seu palacio do largo do Calhariz, ahí com a perfeição da obra admirámos a paciência do artista. Tambem o sr. marquez de Vallada possui algumas coisas boas n'este genero.

A.

ESTATISTICA DA EMBRIAGUEZ.

—
Todos os dias a parte de policia que vem transcripta nos differentes jornaes, abunda em noticias de individuos levados para as casas de guarda por estarem caidos na rua em completo estado de embriaguez; as facadas e assassinatos perpetrados nas tabernas são muito frequentes.

—
No sabbado o operario vae consumir em vinho grande parte da feria que devia servir para o sustentar, e á mulher e filhos; primeiro bebe só, mas quando começa a aquecer, quer ver beber; paga a amigo e a inimigo, a conhecido e a desconhecido, e quantas vezes não vae acabar na ponta da faca d'aquelle que alguns momentos antes lhe tocava no copo.

—
A embriaguez é um grande mal; para grandes males grandes remedios; é necessario que a sociedade trate de obstar á sua generalisação, e ella o pode fazer por muitos modos mais ou menos proficuos.

—
Muitos meios directos e indirectos tem sido empregados para attenuar este mal. A embriaguez figura em larga escala em todos os paizes, e sobretudo nos mais civilizados. É á estatística que recorreremos para apresentar alguns dados curiosos.

—
Todos os liquidos alcoolicos tomados em demasia podem produzir a embriaguez: na França, Hespanha e Portugal, são o vinho e a aguardente os liquidos que geral-

mente a produzem; na Inglaterra e na Allemanha, são a cerveja e as aguardentes; na Russia, Suecia e Estados-Unidos, são as bebidas distilladas, sobretudo a aguardente dos cereaes. Parece que em Stockholm um operario dos mais sobrios o menos que bebe quotidianamente é meio litro de aguardente de batatas.

—
Em 1828 calculava-se em trezentos mil o numero dos bebedores de profissão existente nos Estados-Unidos, e em trinta e sete mil o numero dos que morriam annualmente victimas dos excessos de bebidas alcoolicas.

—
Uma estatística muito curiosa de Everest, comprehendendo dez annos dá os seguintes resultados.

—
Que nos Estados-Unidos a embriaguez em dez annos matou trezentos mil individuos; fez entrar nas prisões e penitenciarias cento e cincoenta mil pessoas; enviou ás casas d'asylo d'infancia cem mil creanças; fez mil doidos; foi causa de mil e quinhentos homicidios e de dois mil suicidios. Levou á viuvez duzentas mil mulheres e á orphandade cem mil individuos. Causou a perda de dez milhões de dollars (proximamente dezoito milhões de crusados) por violencia ou incendio. Finalmente a nação despendeu, por causa da embriaguez seiscentos milhões de dollars, (proximamente mil milhões de crusados!) com os orphãos, viuvas, presos, hospitaes, asylos, processos, etc. etc.

—
Vejam se sem estatística se podiam chegar a conhecer taes resultados, que assombram, mas de cuja exactidão não se pode duvidar, porque foram achados á vista dos documentos officiaes.

—
Na Inglaterra morrem annualmente em consequencia de desordens por embriaguez, suicidios etc., quarenta e sete mil individuos. As tres quartas partes dos criminosos acham-se entre os individuos dados a excessos de bebidas alcoolicas.

—
Desde as epocas mais remotas que os legisladores de todas as nações tem procurado reprimir a embriaguez; as leis Draconianas e de Solon castigavam com a morte a autoridade que se apresentasse embriagada em publico. Mahomet proscreeu o uso do vinho. Em epocas mais proximas, em 1536, Francisco I mandava prender a pão e agua pela primeira vez e fustigar pela segunda, quem se apresentasse embriagado, e os crimes commettidos durante a embriaguez eram punidos como se o individuo não estivesse n'esse estado, porque era duplamente criminoso.

—
Em 1818 no Wurtemberg publicou-se um codigo militar onde se diz que a embriaguez é castigada com prisão a pão e agua, com reclusão até um anno, se fôr habitual, com a reforma se o individuo fôr official e incorrigivel.

—
Na Suecia ainda ha mais rigor; o individuo é multado, perde o direito de eleger e ser elegivel, é admoestado publicamente na igreja e pode ser preso até um anno.

—
As leis repressivas não existem em França, nem em Portugal, nem n'outras nações; todavia são ellas que podem concorrer efficazmente para acabar com um mal que traz terriveis consequencias para os sujeitos e peiores para a sociedade. Os vendedores podiam ser castigados quando vendessem liquidos alcoolicos aos individuos que começam a estar embriagados.

—
Outros meios que tem sido empregados e d'onde se tem tirado resultados notaveis, são os meios preventivos, é a instrucção das classes operarias, proporcionando-lhes prazeres que desconheciam, fazendo-lhes ver deveres a que não attendiam.

—
As sociedades de temperança fundadas na Inglaterra, na America e na Allemanha, tem correspondido muito ao seu fim, mas menos do que se podia esperar, tem sido especialmente na Irlanda onde um padre modelo de caridade e de religião, conhecido hoje em todo o mundo illustrado, o reverendo padre Mathiew levantou a voz contra os excessos de bebidas alcoolicas, e obteve conversões em tal numero, que excedeu muito suas esperanças. Os nossos sacerdotes podiam nos domingos e dias santos fazer pequenas praticas ás suas ovelhas, com a linguagem que deve ter um bom pastor, e estamos certos que muito se podia conseguir.

S.

APHORISMOS.

—
A nossa memoria é mais propensa a conservar a lembrança das dividas activas, do que das passivas: dos favores feitos, que dos recebidos: o dever, e a gratidão, ordenam o contrario.

—
A philosophia vê com olhos de indignação e horror, não o guerreiro, que entre mil perigos defende a patria; mas o erro das nações, que buscam a justiça na sorte das armas.

—
Se os factos, que nós mesmos presenciemos, um dia, uma hora depois, são referidos com mil variantes, e intrusos episodios; como não serão alterados aquelles, que a historia nos transmite atravez dos seculos!

—
A historia do mundo é a recopilação das loucuras dos homens.

MORAES DE CARVALHO.

HAVRE DE GRACE.

Esta cidade situada na foz do Sena, onde tem seu porto mui frequentado de embarcações nacionaes e estrangeiras, é uma das mais commerciantes da França em razão da proximidade relativa da capital e da facilidade de communição com muitos e importantes departamentos; as principaes carregações que ali se fazem tem destino para as colonias francezas da America e para a costa da Guiné; e além d'isso o seu movimento naval abrange notavel importação e exportação, até para as Indias orientaes.

Além da via fluvial tem outra de caminho de ferro directamente a Paris. Carreiras regulares de barcos a vapor, além das amiudadas viagens dos navios de vela, se dirigem para Londres, Brighton, e Southampton na visinhação ingleza, e para Amsterdam na Hollanda, do mesmo modo que para a península hispanica; porquanto tanto vão a Cadiz, como visitam successivamente o nosso Tejo; sulcando a extensão dos mares aportam igualmente á America hespanhola, aos Estados-Unidos, e ao imperio do Brazil.

A pesca da baleia é um de seus traficos de mór vulto, occupando perto de mil e quinhentos marinheiros. Em summa o commercio maritimo do Havre de Grace figura pela quinta parte do commercio geral da França, e o porto tem capacidade para quatrocentos navios.

Esta cidade de origem nos tempos modernos deveu seus primeiros fundamentos a Luiz XII em 1509; mas, Francisco I lhe deu impulso e mandou fortificar, querendo impor-lhe o seu nome e denominar-a, á imitação de muitas byzantinas, Franciscopolis; comtudo foi suplantado em pouco tempo pela invocação de uma capella erecta n'aquellas proximidades, dedicada a Nossa Senhora da Graça. Havre que deriva do vocabulo germanico *haven* significa porto de mar. Ainda no seculo xv apenas existiam duas torres de atalaia e defesa contra as incursões dos inglezes na sede que hoje occupa esta praça florescente.

M.

Quando o magistrado quer ser deputado, a balança da justiça começa a oscillar.

Os mausoleos são prova da nossa vaidade, e o desenho d'ella.



O castello de Ganne.

O CASTELLO DE GANNE, EM SAINT-CLAIR LA POMMERAYE, JUNTO Á PONTE D'OUILLY, (DISTRICTO DE FALAISE).

O nosso desenho representa as ruinas do castello de Ganne, tyranno feudal, cuja tradição popular ainda hoje conta as aventuras e empresas.

A velha fortaleza feudal, assente no cume de uma colina, parece agora mesmo n'estes restos mutilados desafiar as iras do resentimento popular. Diz a lenda que muitas vezes ao nascer do dia, quando apenas o crepusculo aclarava debilmente o horizonte, se via abaixar a sua ponte levadiça, e aquella caverna vomitar ferozes cavalleiros, que commandados pelo terrivel Ganne, se lançavam pelas campinas, espalhando a morte, a violação, raptando

as donzellas, assolando as choupanas, roubando os rebanhos, saqueando as egrejas e os conventos, e até mesmo surpreendendo os visinhos castellos com atrevidas empresas.

Os continuados crimes e depredações do nobre bandido assustaram por tal forma os senhores do paiz, que formaram contra elle uma cruzada. O seu covil foi sitiado, e ao cabo de longo assedio, levado á escala viva, a guarnição passada á espada, e o castello enforcado n'uma das suas ameias para exemplo futuro.

Na epoca das guerras de religião muitas vezes serviu este castello de refugio aos partidistas de Montgomery. Tomado e retomado pelos dois partidos, ficou completamente desmantellado.

Hoje é uma ruina pittoresca, e o principal ornamento d'um pequeno parque inglez.

Quando a tormenta agita no inverno a coma das arvores despojadas de suas folhas, e as rajadas de um vento impetuoso descendo pela chaminé da choupana dos pobres aldeões da Pommeraye, lhes faz estremecer as portas interiores, obrigando-as a gemer lugubrememente, ao mesmo passo que lá fora a chuva cae em torrentes, e as aves nocturnas juntam ao mugir dos ventos sua agourenta voz, a familia campestre reunida em torno da avó, ouve aterrada contar a maravilhosa historia do terrivel Ganne, para no fim recitar em voz alta uma oração implorando ao Todo Poderoso que não envie á terra outro igual flagello da humanidade.

A.

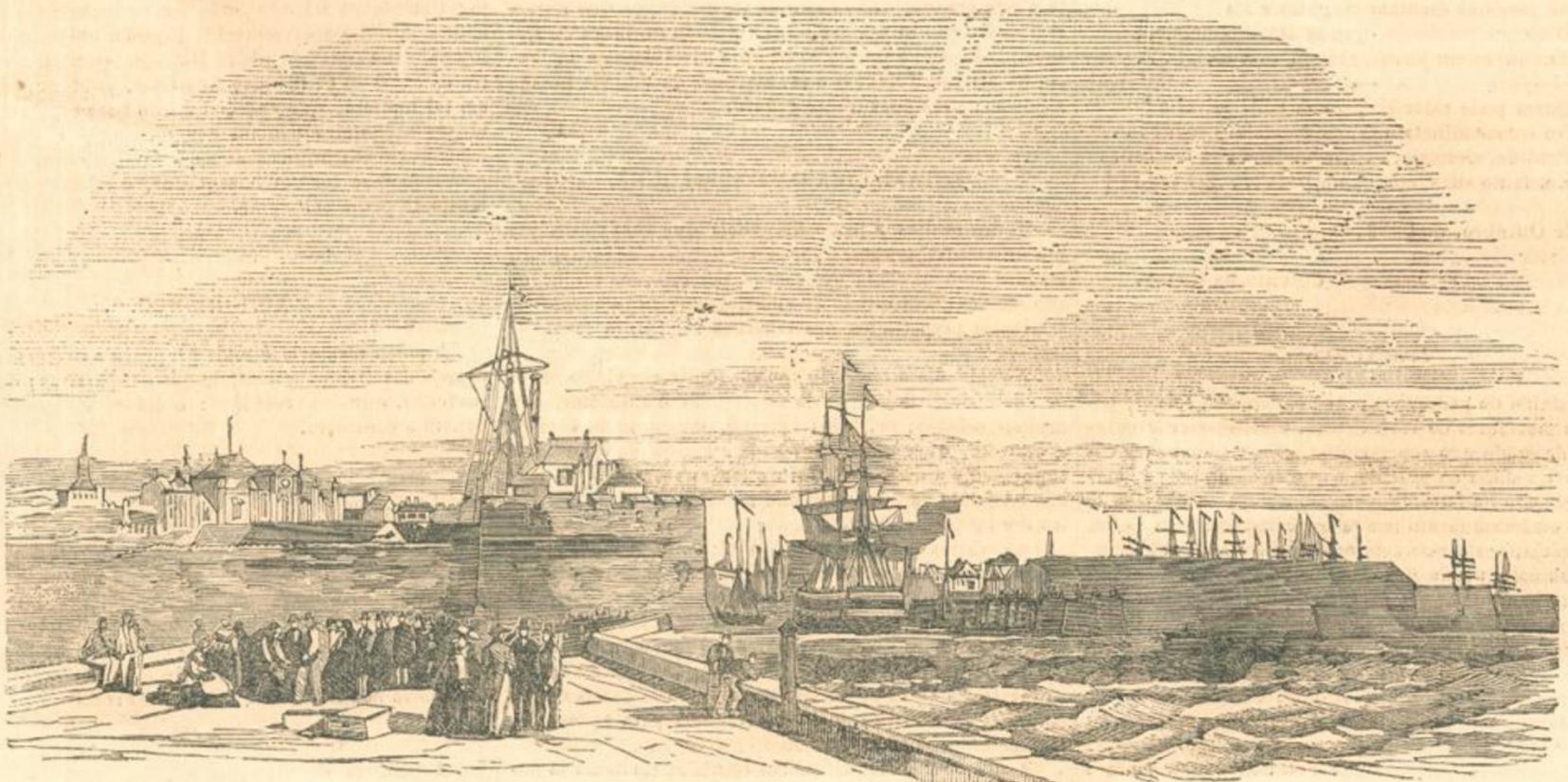
MYTHOLOGIA.

MENOUS OU MANOUS.

Genios da mythologia brahmanica. São em numero de quatorze, e parecem emanações d'um Menou superior, cujo nome figura na frente de um livro celebre e de remota antiguidade — o Manava-Dharma-Sastra, ou *Codigo das leis de Menou*, do qual ha uma traducção feita por mr. Loiseleur des Longschamps.

Note-se a relação nominal e fundamental de Menou com o Minos cretense, o Menés egypcio, o Numa romano, o Mann allemão, etc., que todos são nomes ficticios sob os quaes se gruparam ou recapitularam os progressos da primitiva civilização. Até mesmo se pode crer que estes homonymos indicam o homem, o homem por excellencia, o homem em relação com a civilização.

Em pintura, e poesia, não se admitte mediania.



Havre de Grace.



James Buchanan, presidente da republica dos Estados-Unidos.



Entrada dos duques de Brabante em Spa.

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação

XVII

COMO TUDO MUDOU.

N'um quarto pequeno e retirado, no palacio da Encosta, havia um leito pequeno com cortinas de cassa branca, na parede fronteira ao leito havia sobre um bafete um pequeno oratorio aberto; uma alampada de prata allumiava Christo crucificado, que avultava magestoso no centro do oratorio; sobre a alcatifa que estava junto do bafete existia um genuflexorio, sobre o qual estava uma Biblia aberta; uma mulher ajoelhada ali, fictava attentamente os olhos no Redemptor, e estranha ao que se passava, nem lia, nem rezava com a voz, mas erguia a sua alma a Deus, n'esse rezar do pensamento em que o espirito sabe elevar-se pela fé.

Os cabellos soltos caíam espalhados sobre os hombros da donzella, um vestido branco de simples cambraia era o seu unico adorno; tinha as mãos levantadas ao ceo. Dir-se-hia o anjo da resignação aos pés da justiça divina.

Era Laura.

Os tapetes que cobriam o sobrado impediam ouvir o rumor dos passos, e por isso havia já alguns momentos que o Castigo do Senhor olhava arrebatado este quadro magnifico d'arrependimento e de crenças.

— Laura! murmurou elle, como receiando amedrontar a virgem que rezava.

A joven ergueu a cabeça.

— Minha filha! continuou Paulino.

A menina ergueu-se, e abraçou o velho ternamente; mas ao beijar-lhe as mãos sentiu elle que as lagrimas lhe corriam sobre ellas.

— Não chores, filha, disse o pae, o sol que já vae alto lançará os seus ultimos raios sobre a tua felicidade.

— Quem sabe? tornou a joven, duvidosa. Consentil-o ha Deus? . . . O Omnipotente é cheio de justiça, é inexoravel e deve punir-me do crime que eu commetti em meu delirio; mas Deus bem vê as lagrimas com que me tenho alimentado, os remorsos que me teem queimado o peito!

— Sim, sim, minha querida filha, proseguia o ancião, se a tua falta foi grande. . .

— Tremenda! balbuciou a virgem.

— Sim, continuou Paulino, se foi grande, de sobra a tens expiado já.

— Perdoe-me, pae e senhor, proseguia ella, mas não sois vós que deveis perdoar-me; deixae que eu veja meu irmão, elle só é o meu juiz. . . acceito da sua mão a vida ou a morte sem queixar-me. . . que me dê Fernando a vida no perdão, ou a morte condemnando-me!

— Fernando, retorquia o Castigo do Senhor, está em fim restabelecido, hasde vê-lo, já me não opponho. Fallei-lhe. . .

— E que diz elle? pergunta apressadamente Laura.

Paulino sentou-se junto do leito, e sentando a filha ao seu lado, proseguiu tranquillo:

— Ora pois, não te amofines mais. Contei-lhe tudo. Fernando conhece e préza os santos laços com que Deus os quiz unir, e tornado a si d'essa colera terrivel de vingança e de ciúme, o infeliz bem conhece que foi elle o unico culpado.

— Não o digaes, meu pae, tornava Laura, não podendo perdoar a si mesma o poder do seu delirio; não digaes tal!

E animando-se pela força da dôr e do remorso, proseguia:

— Com que direito me levantei eu juiz de meu irmão? Como pude decretar, eu, mesquinha e fragil mulher, uma sentença de morte? . . .

E apertando as mãos, e erguendo-as ao ceo, continuava:

— E tão abandonada do Senhor, que nada me bradou aos ouvidos «É o teu sangue, é teu irmão!» Meu pae, meu pae, eu sou muito criminosa! . . .

E Laura chorava, abraçada ao pescoço de Paulino, que pedia ao ceo forças que animassem sua filha.

— Laura, tornava o velho, acariciando-a, a tua culpa tem mil perdões aos olhos de Deus; tu não sabias que elle era teu irmão, tu não vias em Fernando mais do que o autor de todas as tuas desgraças e tormentos; elle era uma barreira terrivel que te separava d'Eduardo; tinha flagellado aos teus olhos o que tu amavas como pae, o teu dedicado protector!

E beijando a fronte pallida da donzella angustiada, proseguia:

— Fernando sabe que foi o amor que te consagrou, amor que os laços de sangue com que Deus vos unira antes tornou já impossivel, que foi elle e o desespero do ciúme os unicos guias que o levaram ao crime. Eu já lhe perdoei os seus erros para comigo, e de mim aprenderá elle a perdoar-te.

— Se assim fór, tornava Laura, talvez Deus me queira conceder ainda alguns dias de felicidade. Mas crêde, (e, de pé, estendia o braço para a imagem de Jesus Christo) tomo ao Senhor por testemunha, a minha resolução

estava tomada; se Fernando succumbisse, eu deveria seguir-o. . . e ainda agora, se meu irmão não podesse perdoar, eu saberia morrer.

— Não será assim, continuava Paulino, tu serás feliz.

— E consentil-o ha Deus?

— Consente! bradou Fernando, apparecendo á porta do quarto de sua irmã.

— Meu irmão! exclamou Laura, lançando-se nos braços do mancebo.

E deixando-se escorregar até cair de joelhos, e segurando-lhe as mãos, que beijava e inundava de lagrimas ardentes, proseguia:

— Meu irmão, perdoe-me. . . perdoe-me!

— Ergue-te, anjo do ceo, começou Fernando com voz debil, mulher, mulher que já tanto amei. . . tão perdido e tão louco. . . Tu é que deves perdoar-me.

E levantava nos braços Laura, que chorava afflicta, e que bradava:

— Que te perdoe. . . oh! a ultima vez que te vi. . . .

— Silencio! exclamou apressado o filho adoptivo do Castigo do Senhor; não recordes, Laura, esse momento do crime, que por minhas mãos creara; que o passado seja tão escuro e impenetravel como o Redemptor torna o futuro. Todos nós peccámos, todos nós sabemos perdoar; que Deus nos perdoe igualmente, não é verdade, meu pae?

— É, tornou Paulino; nada de magoas nem de penas, a felicidade nos aguarda.

— Não o creio, balbuciou Fernando d'um modo imperceptivel, e continuou depois em voz alta: Não sabeis, meu pae, mais de vinte vezes vos tenho pedido indulto dos meus crimes para convosco, mais de vinte vezes me tendes abraçado ternamente, e todavia parece-me que o Omnipotente não acceita as nossas vontades, e que eu não mereço a misericordia infinita! . . .

— Não digas tal, meu Fernando, disse Laura; se fóra assim como ousaria eu acreditar na ventura de que me fallaes?

— Que differença! . . . disse triste o magoado o joven, apaixonado ainda. Fui eu que puz em movimento a roda fatal de tantas culpas. . . Que podias tu, pobre menina, a quem eu cercara de tormentos, a quem a dôr levava o entendimento, conhecer de direitos e deveres! . . . Calate. . . d'esse tempo surjam unicos a nossa antiga e pura amizade, e o meu respeito immenso por vós, meu pae!

— Sim, filho, bradava o velho, tu o disseste, d'hoje ávante é só uma nova vida d'eucantos e de pureza!

— Não para mim! pensou em silencio Fernando.

E n'este instante Laura caía de joelhos no genuflexorio, aos pés de Deus.

— Christo, Christo! bradava a virgem, juntando as mãos, e erguendo-as ao ceo; poderei, deverei eu acceitar a ventura que me offerecem?!

— Podes, deves, e hasde, minha irmã! redarguiu Fernando, erguendo Laura. Pae, ide pedir ao senhor Eduardo, da minha parte, a sua mão para minha irmã.

E um suspiro doloroso e triste retratava no rosto pallido do mancebo, novas dôres e novas magoas.

— Ide, proseguiu elle ainda, ide, sou eu que vos peço, e que lhe peço.

O Castigo do Senhor saiu.

Fernando, todo vestido de preto, branco como se fóra de marmore, sentara-se ao lado do leito, e encostara a fronte ao braço que apoiava sobre a cama.

Um pensamento decidido e tremendo lhe passava pela mente.

— Hade ser! murmurava elle, sem que Laura o podesse ouvir. As chammas do amor não as apaga uma palavra. . . é castigo, santo Deus, é castigo!

Laura, ao ver sair seu pae, correu á porta e fechou-a. Fernando, estranho ao mundo, nada ouviu, e só acordou d'este lethargo quando Laura, de joelhos a seus pés, lhe fallava em pranto.

— Meu irmão, dizia a donzella, agora estamos sós; rogo-te, imploro-te que te não lembres de que o mesmo sangue nos anima; sê juiz antes d'irmão. Julga-me como poderia julgar-me a sociedade se soubesse do meu crime. Cumpra a justiça dos homens para que me salve a misericordia de Deus. A culpa só deve competir o desprezo e o odio. Tens soffrido muito, faze que eu soffra tambem. Que eu desça á campa justamente punida, que me sejam expiação diante do Senhor os meus tormentos da terra! mata-me, Fernando!

— Matar-te! (e elle erguia-se, afastando o seu rosto da frente de Laura, e forcejando por erguel-a) matar-te! . . . Oh! quem ama não mata! . . .

E rompia em soluções magoados, e as lagrimas caíam aos pés da pobre menina. Elle proseguiu:

— Ergue-te, minha pura e santa irmã. . . deixa-me dar-te este nome, que elle é como a avalanche que resfria este fogo, não sei se infernal ou se divino; ergue-te, e o crime que se prostre e se envileça. . . tu és pura como a primeira luz da madrugada; é a mim só que me cumpre chorar e pedir. Como pode a ponta da espada só ferir o peito do innocente, sendo movida pela dextra amestrada d'um campeão destemido! Como poderias tu parar na carreira a que eu sómente dera impulso! . . . Tu foste o instrumento da justiça de Deus, como justa consequencia do meu crime. Desde que se me levantou o amor no peito, despontou-me o inferno n'alma. Quiz fazer-te victima da mais terrivel violencia! . . .

E chorava, e curvava-se agora o desditoso aos pés de sua irmã que forcejava por erguel-o; e elle continuava:

— Perdoe-me tu, que não soube morrer desamparado. . . perdoe-me, que ri dos teus soffrimentos, que te levava em holocausto ao altar das minhas torpes paixões! A mim cumpre-me pedir, e a ti amaldiçoar-me.

— Não, não! exclamava Laura.

E Fernando, erguendo-se, a abraçava como louco, bradando:

— Muito bem! Troquemos perdão por perdão. . . renasça o esquecimento d'offensas passadas, renasça a memoria d'antigas affeições!

— Mas consentil-o ha Deus?!

— É Deus que o deseja, que o manda, minha irmã!

E Fernando desabotoava a sobrecasaca, e tirando do bolso um papel dobrado, proseguiu:

— Eis o contrato do nosso illicito casamento, foi aqui que pela força tu juraste ser minha. . . são mais fortes os laços sagrados que nos prendem; mas permite, Laura, (e pondo as mãos, quasi que ajoelhava de novo aos seus pés) permite que eu guarde sempre sobre o coração este papel! . . . Prova o meu crime, mas prova tambem a felicidade que eu ousei antever. . . Consentes?

— Consinto.

— Obrigado, Laura!

E Fernando beijava a mão de sua irmã.

— Corre ao encontro de Eduardo, assegura-lhe a minha eterna amizade. Adeus!

E desprendia-se a custo dos braços de sua irmã, e corria rapidamente a encerrar-se no seu quarto. Ali caiu sobre uma cadeira, sem forças e sem tino, exclamando:

— De todos os meus tormentos é esta a dôr maior! . . . Deus! vale á minha alma! . . . Laura, dizia o mancebo a si mesmo, santa que baixaste ao mundo, tu merecias o amor do anjo, e quiz o Senhor que despertasses uma chamma devoradora no peito d'um demonio! . . . Parece-me que ainda a amo. . . (e elle caía de joelhos) oh! perdão, meu Deus! que sacrilegio infame! . . . Mas eu não posso dizer á minha alma que se cale! A vontade omnipotente separa-nos. . . não posso resistir-lhe, caio prostrado na luta. A minha vida aqui seria um supplicio de todas as horas. Ver a mulher por quem morro. . . (e reflectindo um pouco, continuou tristemente) por quem morri, nos braços do que foi meu rival. . . ter de sorrir pela sua felicidade, de chamar irmão áquelle homem. . . Paulino offereceu-me ir viajar pela Europa, acceito. . . Elle facilmente o acreditará. A minha resolução está tomada; a religião é um balsamo consolador, é o sepulchro de todas as magoas. E este papel (e apertava ao peito a escriptura do seu casamento) é a unica lembrança que me fica da mulher que foi minha esposa um instante, e que será o meu unico pensamento na vida, como o unico anjo que pedirá por mim na morte!

N'essa mesma noite Fernando combinava com seu pae a sua viagem pela Europa.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

JAMES BUCHANAN.

Havendo mr. James Buchanan sido eleito para presidir aos destinos da republica mais importante do novo mundo—os Estados Unidos—, como noticiámos em uma das nossas chronicas semanaes, pareceu-nos que interessará os leitores da *Illustração* apresentar-lhe o retrato d'esse personagem, fazendo-o acompanhar d'uma resenha da sua biographia, bastante para que possam ser avaliadas as qualidades que se dão no novo presidente, e os motivos que levaram os eleitores a fazer tal escolha.

James Buchanan, a quem o partido democratico, na reunião celebrada em Cincinnati, propoz como candidato, deve o seu ascendente e apogeo exclusivamente ao seu talento. Seu pae foi de origem irlandez: tinha emigrado ha oitenta annos da sua patria, e estabeleceu-se na Pensilvania. Ali, no paiz natal de Franklin, viu Buchanan a luz do mundo no dia 23 de abril de 1781. Depois de ter cursado no Dickinson-College, dedicou-se á carreira da advocacia. Em 1812 fez o seu exame.

Como já desde muito moço tivesse decidido gosto pela politica, todos os seus desvelos se dirigiram a distinguir-se n'este terreno. Com effeito, já aos vinte e quatro annos de idade viu coroados os seus esforços e desejos, havendo sido nomeado membro da legislatura de Pensilvania. Desde esta epoca a sua reputação e nomeada como homem politico foi tomando proporções admiraveis. Depois de ter em duas legislaturas defendido os interesses da sua patria, deixou o cargo de representante; mas em 1820 recaiu n'elle a eleição para representar a Pensilvania no congresso nacional, logar que desempenhou a contento dos seus committentes, até que em março de 1831 se retirou á vida privada. Não lhe foi dado manter-se por muito tempo n'esta posição, porque ao cabo de alguns mezes o general Jackson moveu-o a acceitar uma missão diplomatica á corte de S. Petersburg, e ao regressar d'ahi em 1834 teve a extraordinaria distincção de lhe ser conferida a dignidade de membro do Senado.

Foram tão uteis e importantes, para o estado que representou, os seus serviços n'este distincto logar, que in-

fluíram para ser em seguida recleito mais duas vezes, conservando a sua cadeira no Senado até ao dia 4 de março de 1845, em que foi nomeado secretario d'estado, no qual cargo serviu a sua patria até 4 de março de 1849, dia em que se retirou de novo e por alguns annos á vida privada.

O ultimo cargo publico que Buchanan aceitou foi o de embaixador dos Estados-Unidos na corte de S. James, dirigindo-se em abril de 1853 a Londres n'essa qualidade, e permanecendo em tão importante posto até principios d'este anno.

Mr. Buchanan passa por ser homem de profundos conhecimentos e d'espírito penetrante; e estes dotes, juntos ao grande conhecimento que tem dos homens, foram a causa d'elle desempenhar com grande exito os diferentes cargos que occupou. Nunca foi alvo tão constante e directo de censura como outros homens políticos d'aquelle paiz tão dividido em partidos, sendo por toda a parte considerado como homem de porte finissimo e de sentimentos sinceramente republicanos.

D'este simples esboço percebe-se que a eleição recaiu em um homem prestante e bem quisto, que sem duvida inaugurará uma politica sabia e illustrada, elevando assim mais, se é possível, o importante paiz, que se lhe confiou.

ABD-EL-KADER.

El-Hadji-Abd-el-Kader-ben-Mahhi-eddin, nasceu, segundo dizem uns escriptores, no anno de 1802, e segundo a tradição arabe no 25.º dia da lua de Muharem, do anno da hegira 1222, que corresponde ao anno de 1807 da era christã.

Guetna, uma pequena aldêa junto a Mascara, dependencia do territorio dos Hachens, na provincia de Oran, é a sua patria.

Seu pae, Sidi-Mahhi-ed-Din, era um respeitavel marabuto, que fazia remontar a sua familia aos califas Fatimas, e que por isso tinha o titulo de cherif. Sua casa tinha o direito de asylo e refugio, inestimavel privilegio que em Argel, no tempo do governo turco, unicamente era desfrutado por cinco familias.

O moço Abd-el-Kader, educado por seu pae no odio aos turcos, foi destinado desde a sua mocidade a restaurar a nacionalidade arabe, e reinar no Maghreb. Para lhe dar o caracter santo necessario a uma tal empresa, o seu progenitor o conduziu a Meca no anno de 1827, e d'ahi trouxe o mancebo o respeitavel titulo de peregrino (*Hadji*).

Conta-se que no decurso d'esta viagem o moço arabe foi visitado em Bagdad pelo seu patrão Sidi-Abd-el-Kader-el-Djelah, que é um dos santos mais venerados do islamismo. O bemaventurado appareceu ao peregrino na figura de um negro, e deu-lhe uma laranja, prometendo-lhe n'essa occasião o imperio do occidente.

Regressando em 1828 a Mascara, Hadji-Abd-el-Kader entregou-se ás mais austeras praticas do islamismo. Depressa se espalhou por entre as tribus a reputação da sua santidade, e já a sua popularidade inquietava o governo turco quando Argel caiu em poder dos francezes.

A politica dos turcos marchava pela mesma estrada que a dos cartaginezes e romanos — dividir para impedir. Depois da tomada d'Argel as tribus de todas as provincias, entre as quaes arditosamente se haviam soprado as discordias, fizeram-se uma guerra de exterminio. Nenhum poder central tinha força de lhes reprimir os impetos; porém alguns marabutos tentaram voltar aquellas impias armas contra o inimigo commum, e organisar energeticamente a resistencia ao dominio dos infieis, como elles chamam aos christãos. Entre estes um dos mais autorizados era Mahhi-ed-Din, que destinou a seu filho o papel que elle já não tinha tempo de representar por si.

A missão de Abd-el-Kader foi solemnemente annunciada quando os infieis mancharam a cidade santa com a sua presença; e todos que hesitariam a levantar o estandarte da revolta contra a dominação turca, acolheram entusiasticamente a revelação dos designios de Deus sobre o moço crente.

Este mancebo era effectivamente aquelle de que os arabes careciam para ser governados, e se reunirem contra o inimigo commum. Precisavam um chefe religioso, representando conjuntamente a nacionalidade e a religião arabe. Fanatico e ambicioso, a sua fé sincera justificava de antemão o seu alvo e os seus meios. Ajoelhado cinco vezes por dia diante da sua tenda, á vista de todos, com a cabeça tocando o chão, duro para consigo mesmo mais do que para com os outros, deixava ler no pallido rosto, e no melancolico e altivo olhar, o direito e a vontade de governar os homens.

Quaes os meios, e as influencias religiosas que Mahhi-ed-Din empregou para persuadir ás tribus a missão de seu filho, é difficil de explicar; a verdade é que por fortuna ou destreza o velho marabuto abriu a seu filho a estrada por onde depois se lançou.

A insurreição de setembro de 1832, motivada pelos actos impoliticos do duque de Rovigo, que então era governador de Argel, foi causa da elevação de Abd-el-Kader. Já em 3 de maio de 1832, Si-Mahhi-ed-Din tinha capitaneado alguns milhares de arabes contra a praça de Oran; porém esta havia resistido aos ataques que elle lhe dera por seis dias consecutivos. Foi ahí que Abd-el-Kader fez suas primeiras armas.

A 22 de novembro a Argelia estava n'um volcão. As tribus, apesar das suas reciprocas divisões e desavenças, reuniam-se n'um mesmo e unico odio contra os infieis. Si-Mahhi-ed-Din convocou tres das mais poderosas tribus para a planicie de Eghris. Estas tribus eram as dos Hachens, Beni-Amer, e Garabas. O marabuto annunciou-lhes a escolha de Deus, e predisse-lhes que sua morte teria lugar um anno depois da elevação de seu filho. Esta prophacia cumpriu-se á risca. Abd-el-Kader foi aclamado Emir-el-Moumenin (principe dos crentes).

De pequena estatura, magro, e debil, o moço Hadji mais parecia talhado para um santo do que para um chefe guerreiro. Sua vida era pura e rigida. Trouxera de Meca um amoleto mysterioso, que por duas vezes o salvou, como diz a lenda arabe, das mãos dos francezes. As tribus careciam então menos de um chefe militar que de um juiz inspirado. Esta foi a sua primeira missão. Tal posição collocava-o superior ás influencias e rivalidades das tribus, porque não tinha uma particular adherente á sua pessoa: era o chefe religioso do mahometanismo algeriense.

D'esta posição soube Abd-el-Kader fazer uma alavanca politica. Creou primeiramente recursos, levantando impostos nas tribus, e lançando contribuições aos judeus. Já em 1835 o emir tinha um verdadeiro exercito, e os seus partidistas augmentavam, ao mesmo passo que no parlamento francez se amesquinha o orçamento de Argel, não expediam soldados aos generaes, e até se chegava a pôr em duvida a duração do dominio francez n'aquelle paiz. Esta deploravel politica acarretou a perda de Constantina e a derrota de Macta. Abd-el-Kader triumphante, phantasiava-se já senhor de Argel; porém estes golpes resolveram a França a operar com energia. Resolveu-se a expedição de Mascara, e o duque de Orleans, posto ás ordens do marechal Clausel, revelou a importancia que se ligava á derrota do emir. Abd-el-Kader, vencido nos combates do Sig e do Habra, viu na sua retirada o incendio que devorava Mascara; porém não desanimou, e estendendo a mão na direcção de Argel, exclamou: — «Deus é grande, cumpra-se a sua vontade. Ainda um dia heide reinár na cidade de Hussein!»

O infatigavel emir sublevo novamente as tribus. Vencido em Tlemcen, conseguiu ainda cercar o campo de Tafna de uma nuvem de arabes; porém na celebre batalha de Sickah, em 1836, o marechal Bugeaud desbaratou completamente o emir. Esta derrota foi grave.

Abd-el-Kader, antes do combate, havia predito a victoria ao seu exercito, apoiando-se n'uma passagem do Koran. A derrota destruiu-lhe em parte a influencia que ganhara sobre os arabes; porque muitos desconheciam-lhe a autoridade, e até mesmo alguns chegaram a saquear-lhe a tenda e armazens de Mascara. N'esse estado bem feliz se encontrou em poder estabelecer no anno seguinte, pelo tratado de Tafna, parte dos direitos que reclamava. Já n'um precedente tratado concluido com o general Desmichels, e violado pelo emir, se lhe dera o paiz que se estendia entre as fronteiras de Marrocos e Cheliff. O tratado de Tafna ajuntou-lhe a provincia de Tittery, grande parte da de Argel e do pequeno Atlas, d'onde o novo aliado da França podia ver com invejosos olhos as charruas francezas arando a Metidja.

O erro do marechal Bugeaud foi personificar todos os arabes n'um só, e consagrar assim o improvisado poder de Abd-el-Kader. Foi unicamente depois do tratado de Tafna que o emir pôde realmente estabelecer a sua autoridade no Milianah e Medeah, e aproveitar a influencia das familias principaes dos Berkanis e Embareks installadas n'aquellas duas cidades. Pouco a pouco se foi firmando a sua autoridade, e assim conseguiu subtra hir-se ao protectorato dos Hachens, d'entre os quaes tirou por via de estratagem a sua mãe, mulheres, e filhos que n'elles ficaram em refens desde a reunião na planicie de Eghris.

Foi então que Abd-el-Kader, profundamente ferido das forças desconhecidas d'esta civilização europea com a qual acabava de se medir, concebeu o pensamento de imitar os seus inimigos para aproveitar assim o instrumento do seu poder. Creou um exercito regular, permanente, recebendo soldo, nucleu com que contou para combater a França e refrear ao mesmo tempo as tribus. A necessidade de sustentar este exercito obrigou-o a levantar impostos regulares, e crear um systema administrativo. Os seus emissarios percorreram a Europa, estudando as nossas artes de guerra. Ajudado por um moço renegado francez que elle empregava como seu secretario e interprete, buscava pôr-se ao facto dos negocios europeus. Assignou muitos periodicos e até mandou comprar a carta constitucional franceza, não para a applicar ao governo dos arabes, mas para penetrar os mysterios do systema politico dos seus inimigos.

O tratado de Tafna tinha um perigo bem grave para o proprio emir. Primeiramente, elle, que era um chefe religioso tratava com o infiel; e depois, executando as convenções deixava estabelecer entre a França e os arabes os laços de um interesse que não podiam deixar de dar influencia aos seus inimigos. O tratado estipulava a liberdade de commercio entre as duas nacionalidades. O emir tanto pela politica, como pelo instincto e pela necessidade preferia o monopolio. Na sua volta de Meca vir o monopolio poderosamente organizado no Egypto por Mehemet-Ali. Quiz imitar este poderoso reformador, porém não metteu em linha de conta a gente com quem ti-

nha de se haver, que eram guerreiros altivos da sua independencia. Prohibiu o commercio com os francezes, esperando concentrar-o todo nas suas mãos; porém dentro em poucos mezes conheceu o seu erro. A paz entretinha entre os dois povos relações que progrediam de dia para dia. Abd-el-Kader por necessidade recorreu á guerra.

Continua.

LENDA DINAMARQUEZA.

Ragnar Lodbrok era filho de Sigurd Hring, rei da Dinamarca.

De estatura gigantesca, espirituoso, generoso para com as pessoas que amava, e terrivel nas batalhas, era o que, na extensão da palavra, se chama um principe perfeito.

Pela mesma epoca reinava no Jutland um rei, por nome Herrand, que tinha uma filha chamada Thola, princeza de rara formosura, de talhe esbelto e elegante, n'uma palavra com todas as qualidades raras. Era a perola das princezas.

Herrand, seu pae, que sempre estava em extasi diante d'ella, todas as manhãs lhe fazia presente de um mimo. Até jurara, segundo diz a chronica, conservar esta delicadeza até o ultimo dia da sua vida.

Uma manhã levou-lhe de presente um dragão pequenino, e muito bonito.

Ora as mulheres, principiando a conta pela nossa mãe Eva, sempre amaram as serpentes.

As matronas romanas, na festa da Boa Deusa, faziam gala de apresentar sobre o seio a figura d'estes reptis. . . Para que recuar a tempos tão remotos? . . . Ainda hoje as nossas damas usam cobras nos braceletes.

Não admira, pois, que Thola amasse muito o seu dragãozinho. Por isso lhe mandou fazer uma gaiola muito rica, e uma camasinha de oiro.

A serpente, assim amimada, crescia e engordava que era enlevo d'olhos. . . e tanto cresceu que depressa encheu, com as suas roscas, o quarto da princeza.

Isto porém, não foi o peor.

O dragão apaixonou-se pela sua dona.

O amor, que reconhecidamente é mais fero que um dragão, excitou-lhe o ciume a tal ponto, que a ninguem consentia a fera, nem mesmo ao rei, entrar nos quartos da princeza.

Devemos notar que o ciume e o amor eram de tão boa casta que lhe não fizeram perder o appetite devorador.

Comia diariamente ao jantar um boi. Bastava abrir as fauces para o engolir de uma vez.

O rei vivia desesperado.

Em todo o Jutland não encontrava um guerreiro que se quizesse bater com o monstro.

Mandou publicar por todos os reinos que daria sua filha em casamento a quem lh'a livrasse do dragão.

E oreniu de que o dote da princeza seria todo o oiro que servia de cama á fera.

Chegando esta nova ao conhecimento de Ragnar, mandou logo fazer um fato e carapuço de pelle de urso, cujo pello, já de si bastante espesso, era de mais a mais encarracolado por tal modo, que ficava impenetravel. D'isto lhe veio o cõgnome de *Lodbrok*.

Este fato singular foi mergulhado em pez a ferver. Assim dobrava de ponto a resistencia.

Chegado o verão embarcou para o Jutland com uma escolta dos seus guerreiros.

Aportou áquella paiz e desembarcou de noite.

Esperou o alvor da manhã e dirigiu-se ao palacio de Herrand. Penetrou até aos quartos de Thola, investiu contra o dragão; feriu-o valentemente, e com tanta força lhe cravou o ferro no corpo que a hastea se partiu.

A serpente agitou-se enraivecida, e jorrou da ferida uma golphada de sangue empeçonhado; porém Ragnar, que tudo previra, voltou-lhe rapidamente as costas, e aparou na pelle de urso aquelle mortal veneno.

Retirou-se depois para o seu navio.

O dragão, debatendo-se nas ancias mortaes, fez tremor o palacio.

Herrand correu ao sentir semelhante estrondo.

Viu o dragão morto, e pôde finalmente estreitar nos braços a filha querida.

O libertador não apparecia a reclamar o premio.

O rei, que desejava desobrigar a sua palavra, convidou por pregoeiros o vencedor a apresentar-se n'um certo dia, com a hastea á qual necessariamente se devia ajustar o ferro que cautelosamente se retirou do corpo do dragão.

Grande foi o numero de guerreiros que accorreram de todas as partes para testemunhas d'esta solemnidade.

Ragnar compareceu finalmente trazendo a hastea da lança.

O ferro ajustou perfeitamente.

Desposou, como já era de suppor, a formosa Thola, e o navio rasgando as espumantes ondas, reconduziu-o, com sua esposa, para a Dinamarca.

Meditando-se bem n'esta lenda dinamarqueza; — comparando-a com a mythologia grega e romana — quem deixará de lhe encontrar analogia com a fabula de Hercules?

ENTRADA DOS DUQUES DE BRABANTE EM SPÁ.

As aguas minerais, que não são artificialmente compostas e imitadas como se fabricam muitas, e sirva de exemplo a denominada de Sedlitz, adquirem suas propriedades particulares ou na mina onde brotam ou no caminho subterraneo que seguem até rebentarem na superficie da terra; e essas virtudes, como remedios de enfermidades, procedem da mistura de particulas estranhas que recebem e com ellas se caldeiam. As ferruginosas vem impregnadas de particulas de ferro; e não nos importa se as minas são abundantes do metal, o facto é que são conhecidas pelos seus efeitos, demonstrados á vista no local onde estão manando. Portugal tem muitas d'estas fontes disseminadas no reino; e sem ser preciso recorrer ao *Aquilegio medicinal* não estão muito longe as da quinta de Rio de Touro na vertente da serra de Cintra, que limita o termo da villa de Cascaes; por experiencia conhecemos a sua força digestiva, e sabemos de muitas pessoas de estomagos debeis ou cansados que com o seu uso logram beneficio.

D'esta especie são as de Spá na Belgica na comarca de Liège, que se diz terem sido descobertas no seculo XIII, e que atrahem ao seu manancial dois a tres mil estrangeiros annualmente, entrando n'este numero as pessoas mais distinctas e opulentas. Será moda, que não tem perdido por antiga, será credito das virtudes curativas das aguas, será porque muitos ali vão recuperar a saude e não são poucos os que saem de algibeiras despejadas com o jogo forte que ali é do estylo; em todo o caso a terra ganha muito com isso, porque a frequencia continua; e a sua industria sómente consiste no fabrico de obras de galanteria, que vende aos freguezes das aguas.

A estampa representa a entrada dos duques de Brabanté n'esta povoação recebidos com todas as demonstrações festivas.

M.

CHRONICA SEMANAL.

— O governador civil de Braga, para obstar á emigração para o Brazil, e possessões britannicas na Oceania e Indias orientaes, difficultou os passaportes, exigindo até aos doze annos certidão de idade, e consentimento paterno, ou de quem o substitua—de doze até dezeseite os mesmos documentos, e folha corrida—dos dezoito a vinte, item, e termo de fiança para o recrutamento—de vinte a vinte e dois, item, e que sendo recenseado para o recrutamento fóra d'elle escuso, ou se fizera substituir—de vinte e dois a vinte e cinco, certidão de idade, consento do pae, ou emancipação, folha corrida, e certidão de não recrutado—de vinte e cinco a trinta, os mesmos documentos, menos o consento ou emancipação—e de trinta para cima, certidão de idade, folha corrida, e sendo casado, o consentimento da mulher.

— No theatro de D. Maria II, commemorou-se o segundo anniversario do obito do visconde d'Almeida Garrett, representando-se duas peças de que elle foi autor—*Philippa de Vilhena*, e o *Tio Simplicio*.

— O *Asylo de raparigas desamparadas*, fundado pelo sr. conde da Ponte, quando governador civil, na rua do Telhal, esteve franco ao publico no dia de Nossa Senhora da Conceição, sua padroeira.

— Os jornaes absolutistas de Hespanha pedem á rainha o restabelecimento das ordens regulares.

— Nas regiões diplomaticas agita-se novamente a questão da reunião de um novo congresso. A Prussia e a Sardenha pretendem ser representadas n'elle.

— Diz-se que o gabinete de Vienna consente em que n'essas conferencias se trate a questão de Neufchatel.

— As camaras piemontezas foram convocadas para o dia 7 de janeiro.

— O conde de Chambord vac passar o inverno a Veneza.

— O duque de Ossuna, que é o enviado extraordinario de Hespanha em S. Petersbourg, chegou a Berlin, onde se demorará alguns dias.

— A esquadra ingleza do Bosphoro esperava de Malta um reforço de sete naus e algumas fragatas.

— Ethem-pachá foi nomeado ministro dos negocios estrangeiros no gabinete ottomano, e Aali-pachá e Fuad-pachá ministros sem pasta.

— Em Napoles estabeleceu-se uma escola de artes e officios, e reorganisa-se o instituto agricola.

— As tropas que sitiavam Herat apertam cada vez mais o sitio, e esperam reforços. Os sitiados estabeleceram communicações com o Afghanistan.

— No Rio de Janeiro teve lugar a luta de mr. Charles, já por nós annunciada. Não havia logares no Circo da Guarda-Velha para tamanho numero de espectadores, a maior parte dos quaes ficou de fóra. Em resultado, mr. Charles venceu os cinco lutadores que se lhe apresentaram. Já não pôde combater com o sexto, porque lançava algum sangue pela bocca.

— Annunciam-se para o começo do novo anno, aqui em Lisboa, um *Jornal de Bellas Artes*, a *Opinião* periodico politico, e o *Diario do Commercio Portuguez*, publicado por uma companhia, cujos estatutos já subiram á approvação do governo.

— A actriz Emilia recitou em o dia 5, no theatro

de D. Fernando, as duas poesias o *Sonho da actriz* de J. de Lemos, e o *Camões* de Palmeirim. Foi victoriada com sinceras e prolongadas palmas.

— Em Vienna acreditava-se mui proxima a solução dos negocios de Napoles.

— O imperador d'Austria chegou a Trieste no dia 20 de novembro.

— O exercito napolitano conta no tempo de paz 90837 homens. No estado de guerra pode elevar-se a 130397 soldados. A infantaria compõe-se de vinte regimentos de tropas nacionaes, quatro regimentos suissos, um regimento de caçadores. A cavallaria conta nove regimentos; dois de granadeiros da guarda, tres de dragões, dois de carabineiros, dois de lanceiros, e um de caçadores. Os cinco primeiros são armados sómente com espadões e pistolas. O corpo de engenheiros compõe-se de um batalhão de sapadores e mineiros na força de mil quatrocentos e quarenta homens. A artilheria compõe-se de dois regimentos de dois batalhões cada um, um batalhão de campanha, e outro de praça. A artilheria de campanha conta cento vinte e oito peças, com uma força de duzentos vinte e dois homens, e a de pé sobe a duas mil setecentas e oitenta e duas praças, e a do trem a novecentas. A artilheria de sitio compõe-se de vinte companhias com uma força total de tres mil e duzentos homens.

— A companhia hespanhola que actualmente representa no theatro do Salitre, se é algum tanto fraca para o drama e alta comedia, é excellente para a zarzuela. A companhia de baile precisa reforçada.

— Mehemet-Ali, irmão do vice-rei do Egypto, chegou a Paris.

— Os periodicos dos Estados Unidos annunciam uma nova expedição de filibusteiros contra a Cuba.

— O roubo aos viajantes em caminho de ferro é uma novidade. A 13 do mez passado o comboy do caminho de ferro de Roma a Frascati foi obrigado a parar por signal que se fez de que havia obstaculo na estrada. Eram os salteadores que tinham imitado aquelle signal. Então apoderaram-se do machinista e do fogueiro, separaram a locomotiva do comboy, e roubaram completamente os viajantes, os wagons das bagagens, e das mercadorias.

— Está proximo o casamento da princeza Carlota, filha do rei Leopoldo, com o archiduque Maximiliano d'Austria, segundo irmão do imperador Francisco José. A mão da princeza foi pedida oficialmente no dia 16 do passado, porém a celebração do casamento só terá lugar no proximo anno. A princeza Carlota tem dezeseis annos e meio de idade.

— O *Correio Mercantil* revista semanal, commercial, industrial, e politica, fundada pelos srs. Fradesso e Pedro Diniz, já começou a sua publicação.

— S. ex.^a o sr. duque da Terceira celebrou no dia 9 do corrente os annos de sua esposa com um jantar no palacio do governo da Torre de Belem, e á noite deu um baile, que foi honrado com a presença de suas magestades e altezas.

— Dizem os periodicos que na rua do Patrocínio á Boa Morte vive uma macrobia que tem cento e quinze annos de idade, em boa disposição, e continua no trafico de vender peixe. Na freguezia de Santa Isabel ha outra que tem cento e sete annos, e no largo da Paschoa vive um ancião que conta cem janeiros.

— O sr. Pereira da Costa inaugurou as suas *soirées* na esplendida casa da rua de S. Francisco. Abriram-se pela primeira vez os seus salões em a noite de 9 do corrente.

— Houve uma sublevação em Palermo. Enviaram-se immediatamente tropas para suffocar a revolta.

— Abriram-se as côrtes prussianas, e o rei pronunciou um discurso que terminou pelo negocio de Neufchatel.

— A confederação helvetica está negociando alianças para o caso de rompimento entre a Prussia e a Suissa. No caso de guerra a confederação pode dispôr immediatamente de um exercito de 162943 homens.

— Os italianos que estão em Constantinopola tomaram parte na subscrição para a compra de 10000 espingardas que se devem dar á primeira provincia da Italia que se sublevar contra a Austria.

— O rej Othon, depois de se demorar alguns dias em Corfu e Navarino, chegou a 17 de novembro a Athenas.

— O conde de Azinhaga, nosso ministro na côrte de Madrid, deu no dia 2 do corrente um banquete de despedida. Depois do banquete houve um excellente concerto.

— Em Coimbra já se acha prompta a canalisação do bairro alto para a iluminação a gaz.

— O movimento do hospital de cholicos em Coimbra desde 15 de Agosto até 13 de novembro em que se fechou, foi de duzentos e quarenta atacados, fallecendo cem, e curando-se cento e quarenta.

— A cholera ainda continua fazendo estragos em Foz d'Arouce, districto de Coimbra.

— Foram despachadas na alfandega do Porto para exportação, no dia 20 de novembro, 1500 arrobas de azeitona.

— Diz o *Campião do Vouga* que o preço do sal tem ali subido extraordinariamente, por ser pequena a produção d'este anno, e a exportação abundante.

— Os ladrões assaltaram a casa do padre Antonio d'Almeida, na freguezia de Lazaçim, concelho de Tarouca, tentando arrombar as portas a machado. Presentidos por uma criada, esta gritou, e o povo acudiu, encontrando

o padre armado com um machado a defender a sua casa.

— Houve em Lamego o primeiro mercado suino para matança. Os preços foram subidos, termo medio 3200 a arroba. Apesar d'isso fizeram-se bastantes vendas.

— Emilia Alves Ribas, casada e primipara, deu á luz, na villa de Caminha, no dia 2 do corrente, quatro creanças de seis mezes, todas com evidentes signaes de vida, pele que foram logo baptisadas. A primeira era um menino, bem desenvolvido, de dezeseite polegadas de comprimento; a segunda uma menina, com igual desenvolvimento, e por ultimo duas meninas, menos desenvolvidas, e unidas pelas suas anteriores regiões abdominal e thoracica. As cabeças d'estas duas creanças achavam-se unidas apenas pelas duas mandibulas inferiores. Existiam todos os membros que pertencem aos entes da nossa especie, sómente uma lingua para ambas ellas, uma das quaes creanças tinha o labio leporineo. O cordão umbilical era tambem um para ambas.

— O arcebispo de Vienna solicitou que as bailarinas d'aqui por diante usassem no theatro de calças escuras, como ha annos a esta parte se usa em Napoles.

— A trovoadá que na terça feira, 10, rebentou sobre Lisboa, deitou duas faiscas electricas, caindo uma no torreão do nascente do extinto Collegio dos Nobres, e a outra na rua do Caldeira, percorrendo todos os andares do predio, sem causar felizmente prejuizo a nenhuma pessoa.

— No dia 10 incendiou-se no Tejo uma embarcação que vinha carregada de cal em pedra.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o num. 50 do 13.º vol., 5.º da presente serie.

A SOCIEDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

AS DUAS EPOCAS DA VIDA, comedia em dois actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. 240

CAMÕES E O JÃO, scena dramatica em verso por Casimiro Abreu. 100

POESIAS DE L. A. PALMEIRIM. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OIRO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. 720

COMO SE SOBE AO PODER, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr.

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo autor.

CASAMENTO E DESPACHO, comedia em 3 actos por A. de Serpa. 320

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

AVISO.

Os srs. Assignantes da *Illustração*, que quiserem continuar com a assignatura para o anno, terão a bondade de remetter o importe da mesma com a brevidade possivel, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal.

Por esta occasião, o Editor tem a honra de prevenir os mesmos srs. Assignantes de que, para o futuro anno, a *Illustração* será consideravelmente melhorada em relação á parte artistica.